psicanálise, estilo, arte

algo pelo estilo ou *encore écornés*

Anibal Dreyzin

Em A psicanálise e seu ensino, palestra realizada em 1957, Lacan termina oferecendo a seus interlocutores uma frase enigmática, que ainda hoje é daquelas que produzem uma quebra na leitura e não se deixam compreender. Naquele dia, Lacan disse que a transmissão psicanalítica se produz pela via do estilo. Nossa primeira proposta foi desenvolver esse enunciado, mas no meio do caminho nos deparamos com a dimensão da enunciação presente na proposição enigmática de Lacan. Assim, pela via do estilo, alcançamos algo do que podemos chamar o dizer de Lacan.

Assim como os ouvintes de então, nós hoje, quase meio século depois, temos de atravessar algo do nosso horror ao saber se quisermos saber algo disso. De modo que não é de se estranhar que essa frase tenha ido parar nos *Escritos*, para cuja leitura Lacan nos deu uma paradoxal ajuda ao avisar-nos que não eram para ler, nem para compreender.[1]

[1] Lacan. *Le Seminaire – livre XX: Encore (1972-1973)* (1975, p.29 e 35)

"Todo retorno a Freud que forneça matéria para um ensino digno desse nome", diz o parágrafo em questão, "somente se produzirá pela via em que a verdade mais escondida se manifesta nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos ter a pretensão de transmitir àqueles que nos seguem. Chama-se um estilo".[2]

[2] Lacan. *Écrits* (1966, p.458)

Assim Lacan respondia à sua própria pergunta: "O que a psicanálise nos ensina, e como ensiná-lo?"[3]. Um estilo. E nós, psicanalistas, ficamos desconcertados diante do que a psicanálise, o discurso analisante, segundo o mesmo Lacan, nos lança e talvez nos revele, com a condição, é claro, de deixar que primeiro nos desvele.

[3] *Ibid.*, p.439

Mas como? Acaso o que se ensina não são determinados conteúdos, comprovados dentro do possível? Acaso estes não se transmitem por meio dos livros consagrados?! E também indo um pouco ao hospital, à aula e ao analista!

Algumas linhas antes, Lacan havia se referido à necessidade de praticar, na seleção dos analistas, "a crítica aos mais cegantes preconceitos conscientes que os analistas têm a respeito do mundo em que vivem". Vinte e cinco anos depois iria mais longe, ao dizer: "Acaso não há, no discurso analítico, algo que

nos introduza a que toda substância, toda persistência do mundo como tal deve ser abandonada?"[4].

Certamente é preciso contextualizar, pois não gostaríamos que as pessoas, e muito menos as que estão nas instituições de formação ou assistenciais, tomassem essa frase ao pé da letra. Lacan não pretendia imitar Orson Welles anunciando a chegada de marcianos a Nova Iorque. Jean Claude Milner considera que esses *logia*, esses hologramas que Lacan vertia em seus seminários, tinham uma função determinada, denominada protréptica, cuja finalidade era livrar seus ouvintes da doxa. Segundo Milner, Lacan achava que seus ouvintes não haviam conseguido ocupar sua posição na análise. Cada seminário tem o objetivo de levar o analista a se colocar enfim como analista e o analisante como analisante, cada um entrando verdadeiramente em análise.[5] Mas, ainda assim, que é isso da transmissão pela via de um estilo?

[4] Lacan. *Le Seminaire – livre XX: Encore (1972-1973)* (*op. cit.*, p.43).

[5] Milner. *La obra clara* (1995/1996, p.26).

sobre o estilo

Em *O que é a escrita*, Roland Barthes parte de uma diferenciação compartilhada por ele e por Lacan no campo da palavra e da linguagem que nos permite chegar ao conceito de estilo. Por um lado, ele coloca a língua como dimensão comum, horizontal, da ordem do hábito e da época, em que tudo está destinado ao desgaste e à abolição pelo sentido. Por outro, o estilo, dimensão vertical, que submerge na mitologia pessoal e secreta do autor, "onde se instalam de uma vez por todas os grandes temas verbais de sua existência".[6] A dimensão vertical, diz Barthes, submerge na lembrança fechada da pessoa (compõe sua opacidade) "uma equação entre a intenção literária e a estrutura carnal do autor".[7] Nesse aspecto, é fiel à etimologia da palavra estilo, que compromete o corpo no traço. "Suas figuras," acrescenta ele, "são os fragmentos de uma realidade absolutamente estranha à linguagem".

[6] Barthes. *El grado cero de la escritura* (1973, p.18).

[7] *Ibid*, p.20.

A respeito das formas e figuras que encontramos na produção pública de Lacan, ou seja, *Seminários* e *Escritos* – devemos necessariamente pôr de lado sua produção no consultório, mas não deixamos de mencioná-la, pois ali também há transmissão por meio do estilo –, Jean Claude Milner se refere a uma escrita artística, em oposição ao informe do pesquisador científico, a qual estava em consonância com o que Lacan expressava (ver adiante, a referência ao *Seminário: Le Sinthome*). Milner constata que estamos diante de uma escrita cheia de procedimentos qualificados como gongorismo, mas que, em Lacan, não de trata disso, não se trata de escrever para as rodas cultas. Lacan "o

utiliza com outras finalidades; o lexema raro, o semantema incomum, a sintaxe tortuosa hão de impedir o leitor de se abandonar à sua inclinação pela língua".[8] Ou seja, são formas que fazem a presença, o estilo. Outro procedimento de estilo, a que já nos referimos, é a utilização dos *logia*, sobre os quais podemos acrescentar, como leitores de Lacan, que esse procedimento tem caráter de holograma também, pois indica a posição de observador, a posição subjetiva. Ou seja, a transmissão pela via do estilo se direciona para a produção de um movimento subjetivo, passando da posição de aluno ou profissional para a de analista/analisante.

[8] Milner. *La obra clara* (*op. cit.*, p.26).

Assim, temos à mão outro exemplo de transmissão pela via do estilo como opção discursiva de Lacan, e ainda como opção e demarcação de um território. Um modo, poderíamos dizer, de forçar a passagem de um discurso para outro, dos outros discursos para o analítico. Por um lado, no nível horizontal dos conteúdos enunciados, Lacan denuncia a vassalagem da prática do analista a favor dos "simples hábitos" e, por outro, em seus escritos e em seu ensino oral, coloca essa denúncia em ato por meio do estilo.

Resta fazer referência a duas outras figuras discursivas do estilo de Lacan, assinaladas por ele mesmo. A primeira é o enigma. Lacan de refere ao enigma na sessão de 13 de janeiro de 1976, durante seu seminário sobre Joyce, justamente quando está expondo a questão do ensino. Lembremos que ele disse estar como Joyce a respeito de Stephen quando, nos primeiros capítulos de Ulisses, está dando aula. Joyce, diz Lacan, ri zombeteiramente de Stephen quando fala disso. Sobre Stephen, ele diz que é Joyce porque decifra seu próprio enigma.[9] Nessa passagem, Lacan define o enigma como "uma enunciação tal que não se encontra seu enunciado. Uma arte que chamarei de entrelinhas". E recordo que uma segunda e última vez, correndo o risco de causar espanto, na aula anterior do mesmo seminário, Lacan propõe outra forma do seu estilo no ensino: é a "maneira escabrosa" onde "*le travail*" é "*trouvaille*"[10], o que parece adequado à sua prática analítica, ao saber-fazer e às relações entre a verdade e o Real tal como as entende.

[9] Lacan. *O seminario: Le sinthome (1979)* (1989, p.49)

[10] N. do T. *le travail* = o trabalho; *trouvaille* = achado.

De modo que, ao desenvolver a proposição enigmática, nos leva às figuras de estilo, e nelas vamos encontrando as pegadas da enunciação de Lacan.

no caminho de um dizer

Entre os círculos da língua e do estilo, as produções escrita e oral ocupam o lugar de uma interseção, têm a função de

vínculo entre a criação e a sociedade. Para nós, assim como para Milner, no estilo de Lacan há uma opção discursiva, o que Barthes chama de uma decisão política e também ética. É interessante observar isso, e basta recorrer às produções de Lacan nos anos 1930 com Claude, Heuyer e outros psiquiatras, em que se observa que Lacan estava longe de carecer da possibilidade de manejar a linguagem científica e técnica da época. Mas acontece que Lacan, longe de buscar um certo grau zero da escrita, um não-estilo que evitasse uma dissensão com relação à sociedade e desaparecesse na antecipação homogênea de um estado da sociedade conformada, tal como diz Barthes, que se colocou para alguns de modo a evitar uma condição extraviada[11], Lacan opta pelo estilo, monta sobre um estilo e nele permanece.

[11] Barthes. *El grado cero de la escritura* (*op. cit.*, p.85).

Mas esse estilo constitui um dizer originário? Se assim for, qual é a relação desse Dizer de Lacan com a questão do estilo?

Dissemos que, entre os círculos da língua e do estilo, os *Escritos* e *Seminários* são uma escolha do autor, de Lacan, que postulam uma posição discursiva. Pois bem, acontece que algo do estilo se perde em suas produções. Lacan o sabia, em várias ocasiões faz referência a isso e, finalmente, o inclui como efeito da estrutura da linguagem. Assim, temos que: a) seu dizer está condenado a insistir; b) a verdade, bem como a enunciação, é assinalada, mas, condenada pelo efeito da estrutura que se expressa em discurso, somente poderá ser dita pela metade; c) verdade e enunciação são assinaladas precisamente pelas formas e figuras do estilo no discurso, assim como o inconsciente é assinalado pelos sonhos e lapsos; d) isso é coerente com a aquisição freudiana e a prática psicanalítica, pois o dizer, sob o recalque, passa pelo horror ao saber do saber constituído.

Portanto, podemos situar desde o começo do seu ensino nos anos 1950, nesse parágrafo que comentamos, e situar também em Variantes do tratamento padrão uma opção pelo estilo em Lacan, em oposição ao saber constituído como sentido abolido pela língua. Lembramos a preferência de Lacan em Variantes do tratamento padrão pelo "discurso marginal", aquele que "está nas veias"[12], em oposição ao saber constituído. Isso está em consonância com seu conceito não universitário do tratamento analítico, da interpretação, e com sua oposição desde o início ao didático como educação formadora do eu, lugar do saber sabido por excelência. Em oposição, a insistência pelo estilo é uma opção em favor de outro saber, em que estamos em presença da causa do falante, do que escreve e, na expe-

[12] Lacan. Variants de la cure type (1955/1966)

riência analítica, nas modalidades da presença do analista no tratamento. Cabe lembrar também que isso já está formulado nos anos 1950, quando Lacan escreve que "a interpretação justa provém do ser do analista", e que sua palavra somente é verdadeira se tem essa proveniência. O ser, outro nome do estilo.

Anos mais tarde, em *L'Étourdit*, Lacan condensa tudo isso em uma frase, quando escreve: "*Qu'on dise reste oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s'entend* ["O dizer fica esquecido por trás do que se diz, no que se ouve"].[13]

[13] Lacan. L'Etourdit (1972/1972, p.5).

Abrimos aqui vários pontos "escabrosos":

1. o dele é um dizer;
2. esse dizer é recalcado, censurado, permanece esquecido até se converter em saber, no "dito", no que se ouve, no que "um" ouve, ou seja, até entrar no campo de linguagem. E particularmente com relação a seu ensino, porque os psicanalistas "têm horror do que lhes foi revelado", segundo disse Lacan no mesmo ano, mas oralmente, no seminário.[14]
3. Isso o leva a prosseguir em seu trabalho na vertente do estilo, com seu dizer, posto que sustenta, por sua vez, que não existe *Aufhebung*, não existe síntese entre o dizer e o esquecimento[15], mas apenas abertura e fechamento do inconsciente. Estamos ainda, e para sempre, condenados à dimensão de seres *écornés*, retalhos do recalque, efeitos de linguagem *in-mundo*.

[14] Lacan. *Le Seminaire – livre XX: Encore (1972-1973)* (*op. cit.*, p.103)

[15] *Ibid.* p.97.

Portanto, quando Lacan diz no seminário que "seu dizer não teve os efeitos desejados"[16], está dizendo apenas o que se passava e se passa com o discurso analítico, isto é, que os analistas traduziam, incluíam seu Dizer em seu mundo corrente. Por isso Lacan disse que a prática analítica seria diferente se os analistas deixassem de acreditar no mundo, ironizando, ao mesmo tempo, o *discourcourant*, o discurso corrente.[17]

[16] *Ibid.* p.34.

[17] *Ibid.* p.34-35.

o dizer de Lacan

Na tentativa de explorar a indicação de Lacan sobre a via única proposta para a formação dos analistas, a via do estilo, encontramos o que ele mesmo chamou seu Dizer nos primeiros anos da década de 1970. Mas queremos dar mais um passo: que podemos encontrar nesse Dizer? Se um estilo ajuda a suportar as opções fundamentais do ser e elas estão presentes no estilo desse dizer, que mais podemos dizer dessas opções fundamentais?

Que podemos dizer sobre o Dizer de Lacan? Que disse Lacan sobre isso? Em primeiro lugar, vimos que este se trans-

mite pela via do estilo e, por isso, está em disjunção em relação ao saber e à investigação tal como ambos são praticados no marco do discurso universitário e por ordem do patrão capitalista, que é a sua verdade. Uma vez mais, estamos diante de uma frase antecipatória de Lacan, levando em conta que outro Lacan, mas justamente mediante a extração do estilo, viria a ser ensinado como sistema. A respeito disso, que podemos denominar "operação paidéia", já nos referimos em outro lugar. Assim, que podemos dizer sobre as opções fundamentais do Dizer de Lacan, centrais para a formação dos analistas? Se não se trata de um sistema de saber, o que é o ensino de Lacan?

Na sessão de 13 de janeiro de 1976, Lacan diz que nos dará uma guloseima. Começa dizendo que irá nos falar sobre as "verdades primeiras". Limpa o terreno, põe de lado o pensamento e, ao fim do seminário, se refere a seu *apensamento*; e, paralelamente, o conhecimento, que assinala como "enganoso" desde o *vamos*, pois dá suporte à idéia de uma posição ativa por parte do agente cognoscente. Em um segundo tempo de sua articulação, coloca as perguntas: O que é saber fazer algo? O que é a verdade? E em um terceiro momento, começa a rajada do que nos havia prometido: a guloseima. Diz que o saber fazer está do lado da arte, que a verdade é "seguir as pegadas do Real". Que isso é o que ele fez efetivamente. A respeito de si mesmo, explicita que a sua é uma *artdire*[18], a que nos permitimos acrescentar uma *art-dor* que encontramos em seu Dizer. Que seu trabalho, particularmente a prática analítica, move-se no terreno de um trabalho que é *trouvaille*, desdobramento do enigma, das entrelinhas, o qual coloca claramente do lado da arte, segundo sua própria definição.

Em sua sessão de 16 de março, dá um passo a mais a respeito do *apensée*[19] ao dizer que o seu busca alcançar uns pedaços de Real, dado que o Real é sempre um pedaço, um fragmento ao redor da qual o pensamento bordeja.[20] Mas isso deixa as pessoas nervosas, que é o efeito esperado quando se alcança algo do real. "É o próprio sinal de que se alcançou o fragmento".

Avançamos desde o estilo até o Dizer de Lacan e adentramos o terreno daquilo que podemos chamar suas opções fundamentais, duradouras. Não há dúvida de que é importante para nós traçar uma diferença clara para aqueles que poderiam ver em seu ensino uma obra ou pensamento filosófico. Estes estão mais perto dos que lêem Lacan como sistema que da leitura analisante que propomos neste trabalho. Uma leitura analisante para um dizer que está no terreno da arte, que o

[18] N. do T. *Artdire*, contração de *art d'e dire*, arte de dizer. *Art-dor*, (aparentemente) uma contração de *art d'or*, arte de ouro.

[19] N. do T. *Apensée* = apensamento.

[20] Lacan. *O seminario: Le sinthome (1979)* (*op. cit.*, p.112).

próprio Lacan designou como *artdire*. Um dizer que segue as pegadas do Real, que se relaciona com a pulsão de morte, com o impossível, com o impensável. E, em todo caso, diz ele, corre o risco de se enganar com seu Dizer, mas acrescenta que "se corre esses riscos é para preparar seus ouvintes para o que ele poderia dizer de diferente, tratando de fazer", não um sistema filosófico, do que sempre se afastou, "mas uma *folie-sofia*"[21].

[21] N. do T. *Folie* = loucura.

Mas – para terminar – o discurso tende a apagar as pegadas deixadas pelo inconsciente, "o discurso analítico como os outros", *artdiz* Lacan:

"Vocês mesmos não sonharam mais que com apagar as pegadas do meu".

Tradução: Angela Lobo de Andrade

referências bibliográficas

Barthes, Roland. *El grado cero de la escritura*. México: Siglo XX, 1973.

Lacan, Jaques. (1955) Variants de la cure type. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

Lacan, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

Lacan, Jacques. (1972) L'Etourdit. *Silicet*. Paris, n. 4, 1973.

Lacan, Jacques. *Le Seminaire – livre XX: Encore (1972-1973)*. Paris: Seuil, 1975.

Lacan, Jacques. *O seminario: Le sinthome (1979)*. Inédito. [Versão crítica, 1989.]

Milner, Jean-Claude. (1995) *La obra clara*. Buenos Aires: Bordes Manantial, 1996.

resumo

Neste artigo, tenta-se fazer um trajeto que, partindo da questão do estilo, estende-se ao Dizer de Lacan como opção eletiva que aloja o discurso psicanalítico e se presta à invenção de um saber permeável à realidade do inconsciente. Esse trajeto tem início em A psicanálise e seu ensino, artigo de 1957, publicado nos *Escritos*, quando Lacan se pergunta: "O que a psicanálise nos ensina, e como ensiná-lo?", e responde: "pela via do estilo". Sua resposta está em consonância com seu ato de ensino e de transmissão, tanto oral quanto escrita, pois, como afirmava Roland Barthes, seu amigo e companheiro de percurso, o estilo é onde se instalam os grandes temas verbais da existência de um autor, suas opções fundamentais e, como Lacan diria mais tarde, seu Dizer. Por essa via, mostra-se como a particularidade do estilo de Lacan está a serviço da transmissão de sua prática psicanalítica.

abstract

In The Psychoanalysis and their teach, an article of 1957th that we find in his *Writings*, Lacan asked himself "What psychoanalysis teaches us, how we can teach? Then, he answered: by the *way of the style*. Actually, his answer was in consonance of a teach act, and either oral or the write transmission. His friend, Roland Barthes used to teach that the style is the place where the important verbal themes about an author's existence, the fundamental options, himself "Say"; as Lacan will say afterwards. In this article we try to make a surround that take us to the place of the style. As Lacan Say, it looked as an elective option which contents the psychoanalytic speech and deserve to a permeable knowledge to the inconcient reality. There appears like the particularity of the Lacan's style, was to the transmission's service of his analytic practice.